

---

**Alianças, redes e afetos:****o Moça Prosa e as mulheres fazedoras de samba na luta pelo direito à cidade<sup>1</sup>**Carla Leal Rodrigues Helal<sup>2</sup>Cristiane Carvalho Corrêa<sup>3</sup>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

**RESUMO**

Neste trabalho, seguimos mais uma vez a roda de samba Moça Prosa, desta vez em um novo espaço no simbólico território da “Pequena África”: a Praça Mauá. É a consolidação da resistência por meio de novas “táticas” de permanência no território que há 12 anos as engendrou como grupo musical feminino, num movimento contínuo de luta pelo direito à cidade e cada vez mais organizado em “redes” de afeto. A pesquisa apresenta resultados parciais de um projeto entre o Laboratório CAC/UERJ e o Nepcom/UFRJ, que há tempos estuda manifestações culturais populares na cidade do Rio de Janeiro, especialmente encontros musicais de rua no Centro, realizados por artistas e/ou coletivos de artistas.

**PALAVRAS-CHAVE**

Roda de samba; protagonismo feminino; redes de afeto; territorialidades; direito à cidade.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa Comunicação, Música e Entretenimento (GP12), do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de forma remota entre os dias 27 e 29 de agosto e de forma presencial de 3 a 6 de setembro de 2024.

<sup>2</sup> Jornalista pela Uerj, mestre em Jornalismo pela Universidad de Buenos Aires (UBA), bolsista do Programa Qualitec/Uerj e pesquisadora do Laboratório CAC – Comunicação, Arte e Cidade, do PPGCom/Uerj. E-mail: carlahelal@gmail.com

<sup>3</sup> Publicitária pela Facha, especialista em Fotografia, Imagem e Comunicação pela Ucam, servidora técnica da Uerj e pesquisadora do Laboratório CAC – Comunicação, Arte e Cidade, do PPGCom/Uerj. E-mail: soucriscarvalho@hotmail.com

Mãe Joana: “Quem é de axé, diz axé!

Público: “Axé!”

Mãe Joana: Gente, são poucos os espaços onde a gente pode gritar nosso axé. Sabemos disso, né? São poucos espaços que podemos ser o que nós somos de verdade: povos de raízes africanas. Não é? Então quem é de axé, diz axé!

Público: Axé! [em tom mais alto]

Mãe Joana: Agora sim!<sup>4</sup>

Elas começaram a se apresentar na Pedra do Sal, no Centro da cidade do Rio de Janeiro, há 12 anos, incentivadas por homens que já tocavam por lá. Depois migraram para o Largo de São Francisco da Prainha, a poucos metros da Pedra do Sal. O grupo se fortaleceu, seu público aumentou, e elas começaram a incomodar os comerciantes locais, a maioria deles homens. Com isso, foram praticamente “expulsas” de lá, mas utilizando-se de “táticas para driblar o inimigo” (CERTEAU, 1998) e continuar existindo e resistindo, atravessaram a rua e passaram a tocar em outra “praça”<sup>5</sup>. Uma praça inventada, a céu aberto, porém cercada de muros que funcionavam como uma “pele” protetora (LAROCCA, 2018). Neste momento, deixaram os muros, caminharam mais alguns metros e passaram a tocar novamente em uma praça ao ar livre, a Praça Mauá – um território que sempre foi ocupado e usufruído pela população local e artistas de rua, mas que em anos recentes havia sido apropriado pelo poder público, mais interessado nos megaeventos internacionais do que nas manifestações culturais da região do porto e da “Pequena África”. Foi nesse novo espaço que assistimos a mais uma roda de samba do grupo Moça Prosa. O evento na Praça Mauá, sobre o qual discorreremos neste trabalho, aconteceu em um sábado de maio deste ano, e contou com a presença de outras mulheres artistas da música, algumas das quais com origem em outros estados do país.

---

<sup>4</sup> Discurso de Mãe Joana durante apresentação da roda de samba Moça Prosa no dia 18 de maio de 2024, na Praça Mauá. “Joana D’arc da Silva Cavalcante, Mestre Joana é uma das artistas populares pernambucanas de maior projeção no cenário do país. [...] Professora e mestre de maracatu, dominando dos fundamentos religiosos a todas as áreas de expressão artística ligadas ao maracatu de baque virado – da concepção à confecção de roupas, adereços, loas, técnicas instrumentais, arranjos, danças – mestre Joana tem viajado desde 2008 para o nordeste, sul e sudoeste do Brasil divulgando seus conhecimentos e formando novos batuqueiros. É a única mulher, até nossos dias, a coordenar e apitar o batuque de um maracatu de baque virado, Nação do Maracatu Encanto do Pina, além de liderar dois outros grupos: Baque Mulher (grupo de maracatu de baque virado só de mulheres) e Mazuca da Quixaba (grupo de coco de terreiro). [É também] neta da yalorixá dona Maria de Quixaba, sacerdotisa do Ylê Axé Oxum Deym, uma das mais antigas do bairro do Pina, e desde criança esteve presente as atividades religiosas e culturais desenvolvidas dentro do Ylê. Confirmada yakekeré Mãe Joana de Oxum – mãe pequena do terreiro é segunda pessoa na hierarquia de mando de uma casa de candomblé e herdeira do Axé.” Fonte: *Encanto do Pina* – Site Oficial da Nação do Maracatu Encanto do Pina. Disponível em: <<https://nacaoencantodopina.maracatu.org.br/mestra-joana/>>, acesso em: 09 jun 2024.

<sup>5</sup> Ver HELAL; CORRÊA; SILVEIRA, 2023.

---

Em artigo anterior (HELAL; CORRÊA; SILVEIRA, 2023) apresentamos um estudo sobre a roda de samba Moça Prosa, considerada a primeira roda de samba formada só de mulheres a tocar na área do Centro, mais especificamente na “Pequena África”. O artigo atual dá continuidade a essa pesquisa, a fim de que possamos compreender – a partir do Moça Prosa, que tem se destacado no cenário musical carioca – o movimento crescente das rodas de samba femininas na cidade, sobretudo as que se apresentam em espaços públicos. O trabalho foi desenvolvido no âmbito de uma pesquisa entre o Laboratório CAC – Comunicação, Arte e Cidade (PPGCom/UERJ) – do qual fazemos parte – e o Núcleo de Estudos e Projetos em Comunicação – Nepcom (PPGCom/UFRJ). Tal parceria vem estudando, há mais de uma década, manifestações culturais populares na cidade do Rio de Janeiro, especialmente encontros e apresentações musicais de rua na região do Centro, promovidos e realizados por artistas e/ou coletivos de artistas (HERSCHMANN; 2007, 2010, 2011; HERSCHMANN; FERNANDES, 2012, 2014; FERNANDES; MAIA; HERSCHMANN; 2012).

Prosseguimos em nossa pesquisa, utilizando-nos de observações participantes e da deriva como recurso metodológico (DEBORD, 2003), acompanhando o trabalho do Moça Prosa e também de outros grupos de mulheres artistas que tocam em ruas e praças. Elas foram surgindo aos poucos no cenário musical das ruas da cidade, unindo-se a outras mulheres que se apresentam em locais públicos. São as rodas de samba formadas por mulheres, que nos últimos anos passaram a marcar presença em espaços emblemáticos da cidade do Rio de Janeiro, criando novos sentidos e conformando novas territorialidades em locais historicamente dominados pelos homens. São

Femininos (plurais e diversos) que rompem com os modos de ação política de diversos movimentos sociais do passado, transmutando o modo de ação, ao performarem nas ruas da cidade em festas e rodas. Esses corpos festivos se dão a ver, se apresentam nos espaços urbanos, enquanto corpos viventes pelas imagens, músicas e sons, produzindo situações de *dissidências políticas* capazes de criar, tecer e desenhar novas territorialidades, outras ambiências urbanas enunciadoras de vidas, desejos e imaginação que importam. (FERNANDES, p.70, 2021)

Nos últimos anos, o grupo Moça Prosa tem homenageado, uma vez por mês, mulheres importantes na luta especialmente pelos direitos femininos e das mulheres pretas, e abre espaço para outras mulheres artistas durante suas apresentações. Nesse contexto, o evento a que assistimos em maio deste ano nos chamou particularmente a atenção. Não exatamente pela apresentação do Moça Prosa, mas porque o grupo acolheu

---

e dividiu o palco com várias artistas. Na primeira metade do evento, que começou às 16h00, abriu espaço para o Samba Que Elas Querem, que tocou por mais de uma hora. Na segunda metade, foi a vez do Moça Prosa se apresentar. E sua generosidade se estendeu a outras artistas mulheres que vieram prestigiar o evento. Em determinados momentos, as integrantes do Moça Prosa chamaram para se apresentar outras artistas, de diferentes estilos: a cantora pernambucana Doralyce Gonzaga; a vocalista Ingrid Barbosa, do grupo de pagode LGBTQ+ Sapagode; e Mestreira Joana, professora de maracatu e mãe pequena de um terreiro de candomblé em Pernambuco. A cantora do Moça Prosa Jack Rocha, em entrevista dada no local, explicou o evento de maio desta forma:

A gente, sobretudo, presta muita atenção no nosso repertório, um repertório preocupado com a visão da perspectiva da mulher dentro do ambiente do samba. E procuramos, sempre que podemos, chamar mulheres sambistas, grupos femininos, pra estar conosco. No mês passado, chamamos a roda de maracatu Baque Mulher, que tá fazendo 8 anos este ano, pra estar conosco. Chamamos também o Pagode da Gigi. E nesse mês, estamos chamando o Samba Que Elas Querem. Porque a gente acredita muito nessa construção, nesse coletivo de mulheres dentro do samba.

Outras mulheres ligadas a movimentos musicais femininos, com destaque para o samba, também endossam o coro da necessidade de uma construção coletiva, que chega a ultrapassar o universo da música, criando uma rede de apoio e acolhimento fundamental para muitas mulheres, em especial de grupos mais vulneráveis. A produtora cultural, jornalista e doutoranda de comunicação da UERJ, Camille Siston, começou a trabalhar no movimento Mulheres na Roda de Samba – iniciado em 2018 no Rio de Janeiro e que hoje está presente em mais de 40 cidades e em vários países – com o objetivo de ensinar mulheres a tocar samba, mas esse trabalho foi muito além do que previu.

Eu também levei o Mulheres na Roda de Samba pra Niterói, construí essa rede, esse grupo de mulheres fazedoras de samba, né? A gente foi, assim, se unindo [...] E aí eu criei o projeto Oficina das Minas, que a gente tem aula de violão, cavaco e percussão pra 180 mulheres hoje lá. O projeto é uma potência, né? A gente já trabalha com mulher de vítima de violência doméstica, mulheres de tratamento de câncer, a gente acabou atingindo um grupo que a gente nem imaginava. Eu queria só formar mulheres tocando samba e acabei levando arte, vida pra muitas mulheres, né? No Rio, acaba que também outras, de movimentos, nasceram após a gente, né? Porque é super bom, natural. Tem um Movimento das Mulheres Sambistas, que também fazem oficina. Tem o movimento das Mulheres da Pequena África, que o foco delas é uma rede, a comunicação, o jornalismo, né, que é o Mulheres do Samba Notícia, da Thais Vilela, Dora Rosa, todas são amigas. A gente troca, a gente se une [...] Porque quando a gente ajuda uma mulher, a gente tá

---

ajudando que ela trabalhe, que ela desenvolva outros projetos, e assim a gente constrói a nossa rede através do conhecimento, né? Esse é um princípio.<sup>6</sup>

Camille também afirma que, apesar de considerar a questão do gênero mais central do que a racial no projeto, “a gente se envolve em pauta de tudo que for agressivo e violento em relação à mulher negra” (*idem*). Tanto Camille Siston, quanto Jack Rocha e as outras artistas convidadas para o encontro do Moça Prosa em maio parecem já ter compreendido que, apesar de terem origens diferentes, projetos variados, estilos distintos e cantarem/tocarem em locais e/ou cidades diversas, é somente por meio de alianças, de redes com outras mulheres, que se fortalecerão para seguir na luta feminista, racial, social, LGBTQIA+ e pelo direito de ocuparem mais espaços e os territórios das ruas das cidades.

[...] os direitos pelos quais lutamos são direitos plurais, e essa pluralidade não está circunscrita, de antemão, pela identidade; isto é, não constitui uma luta apenas de determinadas identidades, e certamente é uma luta que procura expandir aquilo a que nos referimos quando falamos de “nós”. Assim, o exercício público do gênero, dos direitos ao gênero, pode-se dizer, já é um movimento social, que depende mais fortemente das ligações entre as pessoas do que de qualquer noção de individualismo. (BUTLER, 2018, p. 75)

Com relação às mulheres que tocam nas ruas, cabe destacar aqui que a rua, a praça, são locais em que a precariedade e insegurança costumam prevalecer. “Ficar na rua, a mulher, envolve o quê? A segurança, tem várias camadas de problemas da camada social que afasta a mulher daquele lugar, né? Ela tem que ter uma segurança mínima. E a gente não tem um suporte, uma estrutura, né, de um apoio pra isso”, apontou Camille em entrevista concedida ao Laboratório CAC – Comunicação, Arte e Cidade (UERJ) em abril deste ano. O Moça Prosa também sabe que para criar o ambiente acolhedor de sua roda de samba precisa investir em segurança, e por esse motivo o local na Praça Mauá em que o grupo tem se apresentado conta com seguranças e grades que protegem a roda e seu público. Como já haviam sinalizado Fernandes, La Rocca e Barroso (2019, p.161), “a elaboração de espaços de expressão festiva e musical pouco regulados pelo poder público ou privado implicam na articulação de redes de cuidado que possam garantir a segurança e a viabilidade dos espaços”.

Em um espaço cuidado e protegido, assistimos ao *show* do Moça Prosa em maio. Durante o encontro, artistas de origens diversas cantaram e fizeram discursos criticando

---

<sup>6</sup> Trecho da entrevista de Camille Siston realizada em 24 de abril de 2024 no Laboratório CAC (UERJ).

o machismo, a homofobia e o racismo na sociedade brasileira. A primeira música cantada por Doralyce Gonzaga foi *Identidade* (de Jorge Aragão), que aborda o racismo. Em seguida, discursou sobre o machismo:

Axé! Saúde! Que coisa linda tá com vocês hoje! Eu sou Doralice, eu sou mais conhecida como Miss Beleza Universal, e eu tô feliz demais de tá aqui pra celebrar esse encontro. Isso me fez lembrar também que esse ano é um ano super importante, que é um ano pra gente eleger o máximo de mulheres comprometidas com a nossa emancipação, com a nossa revolução. Não dá pra brincar, não, gente, é contra nós!

Em seguida, cantou *Zé do Carço* (de Leci Brandão), que faz uma crítica social por meio do personagem que dá nome à canção. E finaliza a música com este discurso:

No morro do Pau da Bandeira... Talvez seja em Pernambuco, no Pará. Talvez seja no Rio Grande do Norte, no Maranhão. Talvez seja lá no Rio Grande do Sul, que tá vivendo esse momento tão difícil. Que nasçam novas lideranças! Não só no morro do Pau da Bandeira, mas que a gente consiga ouvir também o Norte e o Nordeste, que constroem o Sudeste. Por novas lideranças!

Por fim, a artista canta a versão feminista da música *Mulheres* (de Toninho Geraes, popularizada na voz de Martinho da Vila), ao lado de Silvia Duffrayer, cantora e percussionista do grupo Samba Que Elas Querem. Doralyce e Silvia foram as criadoras, em 2018, de uma paródia da canção *Mulheres*, que batizaram como *Nós Somos Mulheres*<sup>7</sup>. A versão, que valoriza as mulheres e homenageia Dandara, Elza Soares, Anastácia e Chica da Silva, foi lançada em março de 2018 para celebrar o Dia Internacional da Mulher. A música fez sucesso na internet, transformou-se em uma espécie de hino feminista e tem sido reproduzida em rodas e festas pelo país e até no exterior. Apesar disso, quase foi retirada das plataformas de *streaming* em 2023, pois o compositor de *Mulheres* alegou não ter havido nenhum pedido de autorização prévia para o lançamento da versão nas plataformas<sup>8</sup>. Cabe notar aqui mudanças significativas nas

[...] corporeidades femininas do lugar de passividade e submissão para o de atuação e presença nos ambientes de festa, possibilitando o deslocamento dos discursos essencialistas sobre sexo, raça e gênero, constituidores das relações sociais da sociedade brasileira. O que se revelou ao longo dos últimos anos de pesquisa nas ruas do Rio de Janeiro é que corpos femininos, não binários, transgêneros, negros e

<sup>7</sup> A letra de *Nós Somos Mulheres* está disponível em: <<https://www.letras.com.br/samba-que-elas-querem/nos-somos-mulheres>>; acesso em: 15 jun. 2024.

<sup>8</sup> Autora de versão feminista de 'Mulheres' diz que música pode ser banida do streaming: 'Censura'. **O GLOBO**, Rio de Janeiro, 23 mai. 2023. Cultura. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/musica/noticia/2023/05/autora-de-versao-feminista-de-mulheres-diz-que-musica-pode-ser-banida-do-streaming-censura.ghtml>>. Acesso em: 09 jun. 2024.

---

precarizados seguem em aliança provocando deslocamentos políticos a partir de suas performances em festas e rodas urbanas. (FERNANDES, p.70, 2021)

Ao final de sua apresentação, Doralyce exclama: “Salve a força das mulheres pretas! Do Nordeste ao Sudeste! Muito obrigada!” Na sequência, a convidada chamada para cantar foi Ingrid Barbosa, que se apresentou deste modo: “Eu sou Ingrid, sou do Sapagode, o pagode LGBT do Rio de Janeiro.” A artista cantou *Temporal* (Leandro Lehart, do grupo Art Popular), *Mina de Fé* (Charles André, de Os Morenos) e *Eternamente Feliz* (Leandro Lehart, Art Popular). O Moça Prosa prestou ainda uma homenagem a mulheres sambistas importantes para a história da cidade, cantando *Nossa Escola* (Underground Samba Lapa), que exalta Dona Ivone Lara, Jovelina Pérola Negra e Clementina de Jesus. E a cantora Fabíola Machado agradeceu a participação das artistas:

Por aqui passaram várias mulheres que fazem samba aqui no Centro, né? As meninas do Sapagode são amigas que fazem também samba aqui, no centro da cidade, construindo o samba da maneira que elas acreditam. Isso é muito importante. O Samba que Elas Querem também. Elas estão aí, construindo suas estradas. Então é muito importante a gente receber com muito respeito, com muito carinho essas mulheres.

Discursos como esse evidenciam a valorização do “estar-junto”, a “partilha sentimental de valores, de lugares ou de ideais” (MAFFESOLI, 1998, p.28), as alianças, as “redes” que se formam, ainda que informais, mas não menos importantes. Redes essas que vão se ampliando, se ajustando e com isso fortalecem suas reivindicações em torno do direito a ocupar os espaços públicos das cidades. Reivindicações que talvez não fossem necessárias se o poder público – de modo geral mais interessado nos megaeventos –, compreendesse que essa ocupação de territórios por artistas e/ou coletivos de artistas locais gera importante riqueza cultural e atrai um número considerável de pessoas – o que, conseqüentemente, movimenta a cidade e estimula o turismo, num “círculo virtuoso” –, alimentando uma economia criativa e trazendo uma sensação de segurança, tema tão frequente nos noticiários das cidades. Afinal, “pode ser algo banal, mas o único modo de ter uma cidade segura é haver gente caminhando pela rua” (CARERI, 2013, p.170). As rodas e festas de rua são forças que movimentam e ressignificam territórios, alteram o cotidiano, celebram a diversidade e geram novos imaginários da cidade, num processo constante e que mantêm vivas as urbes.

---

## REFERÊNCIAS

BARROSO, Flavia Magalhães. Feminismos urbanos, políticas de aliança e a ética da coabitação: a produção de festas na Garagem das Ambulantes. In: FERNANDES, Cíntia Sanmartin; REIA, Jess; GOMES, Patricia (Org.). **Arte, comunicação e (trans)política**: as potências dos femininos nas cidades. 1ª ed. Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/UFGM, 2021, pp-109-131.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. 266p.

CARERI, Francesco. **Walkscapes**: o caminhar como prática estética. 1ª. ed. São Paulo: Editora G. Gilli, 2013.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1998. 351p.

DEBORD, Guy. Teoria da deriva. In: JACQUES, Paula B. (org.). **Apologia da deriva**: escritos situacionistas sobre cidade. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

FERNANDES, Cíntia Sanmartin. Corpos femininos reinventando os espaços urbanos. In: FERNANDES, Cíntia Sanmartin; REIA, Jess; GOMES, Patricia (Org.). **Arte, comunicação e (trans)política**: as potências dos femininos nas cidades. 1ª ed. Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/UFGM, 2021, pp-63-89.

FERNANDES, Cíntia Sanmartin; HERSCHMANN, MICAEL; ROCHA, Rose de Melo; PEREIRA, Simone Luci (Org.). **Artivismos urbanos**: (sobre)vivendo em tempos de urgências. 1ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2022. 478p.

FERNANDES, Cíntia Sanmartin; LA ROCCA, Fabio; BARROSO, Flavia Magalhães. Beco das Artes: festas, imaginários e ambiências subversivas na cidade do Rio de Janeiro. **Revista Eco-Pós** (Online), v. 22, n. 3, p. 140-165, 2019.

FERNANDES, Cíntia Sanmartin; HERSCHMANN, M. (Org.). **Cidades musicais**: comunicação, territorialidade e política. 1ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2018. 456p.

FERNANDES, Cíntia Sanmartin; MAIA, João; HERSCHMANN, Micael (Org.). **Comunicações e territorialidades**: Rio de Janeiro em cena. 1ª ed. São Paulo: Anadarco, 2012. 204p.

HELAL, Carla Leal R.; CORRÊA, Cristiane Carvalho; SILVEIRA, Ana Julia. Protagonismo, resistência e territorialidades: a atuação da roda de samba Moça Prosa na “Pequena África”. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 46., 2023, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos [...]**. São Paulo: INTERCOM, 2023.



---

HERSCHMANN, Micael; FERNANDES, Cíntia Sanmartin. **A força movente da música: cartografias sensíveis das cidades musicais do Rio de Janeiro**. 1ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2023. 271p.

\_\_\_\_\_. **Música nas ruas do Rio de Janeiro**. 1ª ed. São Paulo: Intercom, 2014. 272p.

\_\_\_\_\_. Potencial movente do espetáculo, da música e da espacialidade no Rio de Janeiro. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; FREIRE FILHO, João; HERSCHMANN, Micael (Org.). **Entretenimento, felicidade e memória: forças moventes do contemporâneo**. 1ª ed. São Paulo: Anadarco, 2012. 332p.

HERSCHMANN, Micael. **Nas bordas e fora do mainstream musical: novas tendências da música independente no início do século XXI**. 1ª ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores Editora, 2011. 420p.

\_\_\_\_\_. **Indústria da música em transição**. 1ª ed. São Paulo: Estação das Letras e das Cores, 2010. 179p.

\_\_\_\_\_, Micael. **Lapa, cidade da música: desafios e perspectivas para o crescimento do Rio de Janeiro e da indústria da música independente nacional**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. 236p.

JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos errantes**. Salvador: Edufba, 2012. 331p.

LA ROCCA, Fabio. **A cidade em todas as suas formas**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2018. 279p.

LATOURE, Bruno. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede**. Salvador: EDUFBA, 2012; Bauru: EDUSC, 2012. 400 p.

MAIA, João; FERNANDES, Cíntia Sanmartin; HELAL, Carla Leal R.; BIANCHI, Eduardo (Org.). **Comunicação, arte e cidade: experiências sensíveis e produção de sentidos**. 1ª ed. Porto Alegre: Liquidbook, 2017.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.